

## MINUTA

### 1. “POR UMA EUROPA DE DEFESA DA DEMOCRACIA”

#### Ao XXIII Congresso Nacional da Juventude Socialista,

2. Por todo mundo, a democracia está em crise. A pressão das democracias ditas iliberais demonstra uma alternativa a um sistema que muitos consideravam já vencedor, e a violência e o abuso de direitos humanos parecem coexistir facilmente com um sistema capitalista em que o capital flui mais facilmente que a dignidade. Apesar dos significativos avanços dados por nações e organizações internacionais, assim como por ativistas e líderes sociais, continuamos a caminhar na direção do desastre climático, incapazes de colocar de lado as nossas diferenças e lucros em nome do bem comum. As dificuldades que as democracias ocidentais enfrentam, com a ascensão da extrema-direita e o descrédito no sistema democrático, advêm em grande parte de três seus falhanços. O primeiro foi a incapacidade de explicar às populações a importância das vitórias e direitos conseguidos, assim como a valorização da participação cívica e a sua educação ativa nos mais jovens. A ausência desta valorização, coadunada com outros fatores de instabilidade, deu origem a uma cultura de apatia e desconfiança que apenas a raiva parece ser capaz de furar. O segundo, principal causa da raiva mencionada, foi a incapacidade de assegurar a diminuição das desigualdades económicas entre a grossa maioria da população e as elites económicas que guardaram para si grande parte dos frutos da globalização, causando a diminuição de rendimentos reais e o empobrecimento de classes profissionais e sociais críticas para a coesão das nações. O aumento da desigualdade, refletido na ausência de cultura cívica e política, provoca um sentimento de injustiça difícil de mitigar sem assegurar às pessoas o que elas verdadeiramente precisam: condições para terem uma vida plena, com expressão pessoal e trabalho digno. O terceiro foi a incapacidade de reformular os nossos sistemas políticos para fazer frente aos desafios colocados pela globalização, em que a internacionalização de comércio e o aumento da mobilidade, potenciados pelas novas tecnologias, criou uma aldeia global onde proliferam bolhas de desinformação e dependência de estados estrangeiros para as nossas necessidades básicas. Sem sistemas de informação de qualidade, e com altos níveis de dependência energética e de recursos essenciais, as nações europeias colocaram-se nas mãos de entidades e países cujos preços baixos serviram de grilhetas para as suas políticas. Sem independência estratégica, não existe capacidade de afirmar as nossas prioridades a nível global, sendo impossível progresso. Estes fracassos advieram da falta de visão típica da consideração do urgente acima do importante, e apenas com a pandemia e a monstruosa invasão

rusa da Ucrânia parecem as potências europeias ter acordado para a realidade. Precisamos de ser capazes de assumir as necessidades das nossas populações, precisamos de as aproximar dos espaços de decisão e precisamos de melhorar a forma como comunicamos, ou a democracia como a conhecemos cairá. A única resposta a estes flagelos passa por uma melhor e maior União Europeia, onde as vozes dos cidadãos e dos seus representantes têm mais impacto, onde somos capazes de pôr de lado as nossas diferenças e dar passos ousados na obtenção de soluções que já conhecemos, mas temos medo de aplicar. Precisamos de reformular os tratados europeus, dando maior relevância e poder ao Parlamento Europeu, assento dos representantes dos povos dos Estados-Membros. Precisamos de conceder competências fiscais à UE, eliminando paraísos fiscais e taxando adequadamente as multinacionais. Precisamos de um maior orçamento, apenas investido nos países que respeitam as normas europeias, e precisamos de combater o desrespeito pelo Estado de Direito Democrático através da aplicação das atuais ferramentas e da criação de novas, sem medo das consequências. Precisamos de renegar a tirania e autoritarismo, mesmo que estas forneçam bons preços de recursos naturais, assegurando a produção própria de energia e reforçando o nosso apoio ao povo ucraniano e considerando a invasão russa como a primeira linha da luta pela alma da Democracia. Precisamos de pensar a Europa do futuro, explorando a hipótese de uma União política alargada que potencie a nossa capacidade de afirmação, dando corpo à visão dos fundadores do projeto europeu. Precisamos de maior igualdade social, exigindo ambição aos nossos governantes, não apenas manutenção. Precisamos de colocar estas questões perante os jovens e os militantes, promovendo debate sobre o que a Europa deveria ser, e sobre qual deverá ser o papel de Portugal nesse futuro.

**3. Assim, vimos propor como medidas da Juventude Socialista:**

1. A condenação pública e veemente da monstruosa invasão russa da Ucrânia, pugnando pelo apoio contínuo às forças ucranianas que repelem o invasor russo;
2. O apoio à expansão de competência fiscais, políticas, de defesa e de saúde por parte da União Europeia, no contexto da futura anunciada revisão de tratados europeus;
3. A exigência de reforma do sistema institucional europeu, dando maior poder de iniciativa ao Parlamento e aumentando as consequências das eleições europeias;
4. A exploração, dentro e fora da estrutura, do federalismo enquanto solução política europeia, procurando auscultar os jovens e militantes quando a esta possibilidade;
5. A recomendação da aplicação completa e total de todos os mecanismos de defesa do Estado de Direito contra os Estados-Membros que o não respeitem;